

ciência. Mas na medida em que se procura atribuir-lhe um âmbito de objetos próprio, separado das outras ciências e paralelo a elas, isso se dá por se levar em consideração a diferença entre objeto formal e objeto material e considerar como característica distintiva da filosofia apenas um âmbito de objetos diferente. Mesmo assim, é preponderante a concepção de que a filosofia não é uma ciência singular ao lado de outras.

48

Mas se desejarmos manter a pretensão de que a filosofia é uma ciência universal, que pode inclusive investigar os âmbitos de objetos do restante das ciências, mesmo sem representar a soma delas, então ela deverá dispor de uma perspectiva de questionamento unitária — do contrário será estilhaçada, tornando-se um amontoado de ciências parciais — e distinta das outras ciências. Muitos acham que esse objeto formal — como propõe Aristóteles — não deve ser considerado o ser como uma generalidade de todos os objetos possíveis, visto que esse conceito seria muito vago, indeterminado e composto de muitos significados; Aristóteles observa isso expressamente também em relação ao “ente”, que “é empregado em diversas significações, mas sempre em relação a uma essencialidade unitária e não numa mera igualdade de nomes” (Met. 4, 1003 a 33 ss.). Podemos dar razão a esse pensamento, visto que todos os objetos e âmbitos a ser investigados concordam pelo menos no fato de estarem referidos ao homem que está questionando, já pelo fato de este procurar trazer ao olhar esses objetos e âmbitos e tudo o mais (5), (12). Desse modo, podemos formular a perspectiva de questionamento da filosofia também a partir do homem, portanto do ponto de vista antropocêntrico: a filosofia investiga tudo, buscando saber seu significado para o homem enquanto homem. Esse “enquanto”, presente nessa formulação, representa ele próprio mais uma vez uma perspectiva. Posso considerar o homem, por exemplo, como corpo, portanto da perspectiva das propriedades e relações que ele partilha com todo e qualquer outro objeto material, ou como vivente, portanto junto com as plantas e os animais, ou como sensível, graças ao que ele coincide com os animais, ou finalmente da perspectiva das propriedades e relações que convêm apenas a ele, que o diferenciam de qualquer outra espécie de ente mas caracterizam todos os homens (e não são propriedade de

apenas um grupo de homens, por exemplo como quando chamamos alguém de adulto ou escultor ou membro de uma família); pressentir essas perspectivas que distinguem o homem de todo o restante e explicitar o que é “o homem enquanto homem” representa assim uma tarefa central da filosofia. Já explicitamos o que significa para o âmbito da ciência essa propriedade que caracteriza o homem: sua abertura questionante em relação a tudo, mostrada precisamente pela filosofia com seu âmbito de objetos irrestrito, enquanto um conhecimento adequado ao homem enquanto homem. Assim, é possível propor a seguinte definição: Filosofia = a ciência que não pode ser restrita a um âmbito parcial daquilo que deve ser conhecido, mas para a qual tudo deve ser questionado e investigado segundo a perspectiva do que isso significa para o homem enquanto homem.

Referências

SALAMUN 1980

DE VRIES 1969

ANZENBACHER 2004

4. Uma determinação mais detalhada de “teoria do conhecimento”

Se a “teoria do conhecimento” ou “doutrina do conhecimento” foi definida como a “ciência filosófica do conhecimento” (39), então a partir dessa classificação da teoria do conhecimento na filosofia podemos esclarecer que seu objetivo é investigar se e como o conhecimento é determinante para o homem enquanto homem e em que consiste sua função para o homem, precisamente na medida em que é homem. Ali, podemos partir do fato de que a capacidade geral para conhecer não é característica do homem, pois admitimos que também os animais conhecem: eles vêem, ouvem, cheiram, tateiam, às vezes muito melhor do que o homem; esse tipo de percepção, que chamamos de conhecimento sensorial, não pode assim ser característico do homem enquanto homem. É claro que faz parte igualmente de seu conhecimento, mas ele vem inseparavelmente ligado àquela capacidade especificamente humana para conhecer que a tradição chamou de “compreensão” e “razão”, e que a filosofia grega clássica chamou de “logos”; é por isso que essa teoria do conhecimento procura evitar as expres-

49